

Cristina Gobbi Soares

Diário de Bordo

AS AVENTURAS E DESVENTURAS DE UM
PEIXINHO FORA D'ÁGUA

(Prática docente no Ensino Técnico)



k1305284 www.fotosearch.com

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos a minha escola, à Universidade Estadual, a todos os professores e demais colaboradores que direta ou indiretamente incidiram na realização do PFPD Porto Alegre, aos meus colegas professores, tanto da escola quanto do curso do PFPD, que também contribuíram para a realização desse trabalho, aos meus alunos porque sem a participação deles e ao fato de terem acreditado nas propostas, nada disso seria possível, a meu marido, pois sem a sua ajuda eu não teria conseguido fazer o curso e as minhas filhas que sempre me incentivam.

RESUMO

A presente obra trata-se de uma análise acerca da docência na Educação Profissional tendo como referência as vivências da própria autora que é educadora do Curso Técnico em Administração numa escola pública situada na região metropolitana de Porto Alegre. O texto apresenta como a docência vai sendo construída no contexto da sala de aula e de que forma nos tornamos professores/as. Nesse sentido, enfoca os percalços e desafios enfrentados pelos professores, os quais são egressos de cursos de bacharelado e que atuam nas escolas técnicas. Embora não possuam formação pedagógica, tais profissionais acabam sendo contratados emergencialmente para atender as demandas do ensino técnico de nível médio na rede estadual devido à carência de licenciados para atuarem em determinadas áreas. As análises e reflexões apresentadas apontam alguns desafios postos à formação de tais docentes, os quais ao adentrarem no contexto educativo deparam-se com um cenário totalmente novo, para o qual não obtiveram preparação ao longo da graduação, uma vez que são bacharéis. Numa linguagem clara e objetiva, a autora relata seus dilemas, frustrações, alegrias e gratificações, sentimentos contraditórios de felicidade e ingloria durante sua constituição enquanto docente da Educação Profissional. O texto apresenta uma reflexão sobre os percursos percorridos pela educadora durante sua inserção no contexto pedagógico, incluindo as estratégias adotadas e

a busca de formação pedagógica. Entre tais experiências de formação relata as vivenciadas no Programa de Formação Pedagógica realizado junto a UERGS de Porto Alegre, o qual visa à formação inicial de docentes para a educação profissional, primando pela articulação entre teoria e prática no desenvolvimento de novas práticas e projetos pedagógicos voltadas as demandas nos quais os docentes encontram-se inseridos.

Porto Alegre, julho de 2011

Este é o registro de minhas experiências, até o presente momento, como professora do Curso Técnico em Administração de uma escola estadual na região metropolitana de Porto Alegre, e também como aluna do Curso de Formação Pedagógica da UERGS.

O referido curso está me ajudando a compreender as minhas práticas pedagógicas que até a pouco tempo eram baseadas somente nos meus conhecimentos de Bacharel em Administração e minhas atividades na iniciativa privada. Um está complementando o outro, uma vez que também levo para o curso determinadas situações de sala de aula para serem analisadas e discutidas pelo grupo.

Através desse registro, quero compartilhar, minhas aventuras e desventuras, tanto no colégio quanto no PFPD da UERGS, pois quem sabe, essas experiências possam ser úteis e servir de inspiração para novas atividades pedagógicas.

Esse registro também servirá para que eu possa visualizar o antes, o durante e o depois da minha inserção no mundo da Pedagogia e minha evolução pessoal e profissional, agora como Educadora.

Há algum tempo atrás admirava uma propaganda que passava na televisão, normalmente em horário nobre. Essa propaganda dizia:

-“Você pode saber o que quer da vida, mas não sabe o que a vida quer de você”.

Essa frase me fazia refletir sobre como nossa vida às vezes toma rumos que não estavam em nossos planos, ou percorre caminhos que não traçamos, nos deixando inseguros quanto a onde vamos chegar.

Ao mesmo tempo em que essa frase me intriga ela me faz pensar o seguinte:

- A vida só nos leva para lugares incertos quando não estamos certos de onde queremos ir.

Ou seja, ou você assume o comando da situação ou se deixa conduzir e daí sim o desfecho é uma incógnita.

Não me imaginava mais em uma sala de aula. Achava que isso fazia parte de um passado. Muitas vezes a gente se engana e o passado volta ao presente.

Dizem que nada é por acaso, que tudo tem uma razão de ser...

Sempre trabalhei em empresas privadas e meu início de carreira na área de Administração, a qual me formei, foi na Universidade Luterana do Brasil como agente de prospecção de clientes e relações públicas para promover e divulgar a Universidade e seus serviços que estavam sendo implantados na cidade na década de 90. Na época, eu era estudante do curso de Administração de Empresas da mesma instituição de ensino.

Dois anos depois, quando me formei, fui trabalhar como professora do curso Técnico em Administração em uma escola da própria Ulbra e também convidada para coordenar o curso, prospectar novos cursos e estabelecer parcerias com a comunidade.

Um ano depois fui nomeada em um concurso público que havia prestado e devido à incompatibilidade de horário, tive que abandonar o magistério. A nova empresa, a qual fui trabalhar, logo em seguida foi privatizada e eu nem sequer tive tempo para sentir os benefícios de ser uma funcionária pública e ter a tão sonhada estabilidade. A partir da privatização, passamos primeiramente pelos donos espanhóis, depois pela intervenção do estado, para posteriormente passarmos para os donos italianos. Os anos que se seguiram foram de grandes incertezas, pois a reestruturação da empresa era inevitável e com isso as tão temidas demissões.

Até que por fim, em 2006, chegou a minha vez.

Treze anos se passaram desde que eu deixei o magistério, e de repente quando me dou por conta, estou de volta à sala de aula como professora novamente só que dessa vez em um cenário completamente diferente.

De volta ao magistério

Mais de uma década se passou, muita coisa mudou: hábitos, comportamentos, atitudes, valores, costumes..., ah e sem falar que a mais de dez anos atrás o mundo ainda não estava em rede, às pessoas ainda não eram tão plugadas, os jovens não eram tão conectados. O silêncio nas aulas e o respeito pelo professor ainda eram os valores da época e era dessa forma que a sociedade tratava a escola e retransmitia esse modelo para seus filhos.

Mas, e agora... após treze anos, como vou dar a minha primeira aula? Não conheço mais a linguagem dos jovens, nem tampouco suas necessidades. - De que forma poderei chegar aos alunos?

- O que fazer para ter o domínio da turma, despertar-lhes a atenção?

Para mim, o que na Administração chamamos de “momentos da verdade”, que na realidade significa aquilo que você sente em cada momento que se depara com determinadas situações e que também pode ser exemplificado como aquele ditado que diz; -“a primeira

impressão é a que fica”, era um lema e eu me preocupava muito com isso.

Achava que aquela primeira aula era um desses momentos da verdade ou o momento exato de se ganhar a confiança do aluno, de conquistar e porque não dizer de encantar de forma a criar uma expectativa sobre a matéria e sobre o professor.

Nos momentos da verdade, ou você conquista ou perde a oportunidade. Momentos da verdade são todos os momentos em que se tem nas mãos uma oportunidade de se conquistar os clientes.

E foi com essa intenção que me propus a fazer com que a primeira aula fosse completamente diferente. Na Administração temos uma premissa que é a de que: -“Pessoas não compram produtos ou serviços pelos seus atributos, mas sim pelos benefícios que esses lhe oferecem. Devemos tocar na emoção das pessoas”.

Partindo dessa premissa, lancei mão de um equipamento de som portátil, imprimi a letra de uma música que tocava na rádio todos os dias e que pertencia a uma banda que a maioria dos jovens gostava e fui para a escola para dar a minha primeira aula (depois de treze anos era como se fosse). A letra continha palavras de motivação e otimismo e eu pedi para que os alunos ouvissem atentamente a música acompanhando a letra, depois pedi para que eles acompanhassem a música, cantando e para

finalizar, pedi para que eles transcrevessem os trechos da música que acharam mais importantes e comentassem.

Foi muito estranho... Os alunos demonstraram uma resistência logo no início, misturado com acanhamento, não conseguiam se libertar. Aqueles jovens tiveram tanta dificuldade de soltar a voz que chegou a me surpreender, afinal a juventude de hoje parece tão solta, tão dona de si... Mas, em suas redações sobre a letra, disseram coisas tão lindas, tão profundas, tão maduras que eu ficava me perguntando o tempo todo: - Não parecem às mesmas pessoas, suas palavras não condizem com seus atos. O papel mostrava uma coisa, as atitudes mostravam outra. As atitudes eram de pessoas sem noção da realidade, enquanto que em seus escritos demonstravam ser pessoas completamente atentas e com sentimentos a flor da pele. Que coisa interessante e intrigante!

Mas, Graças a Deus a primeira aula parecia ter sido bem proveitosa e ter deixado todo mundo meio boquiaberto. O que eu pretendia com tudo o que fiz era falar a língua dos alunos, entrar no mundo deles para podermos nos comunicar melhor.

O Feedback que obtive dos alunos foi quando eles passaram a cantarolar a música em minhas aulas e disseram que se lembravam de mim quando a ouviam. Mas o mais importante é que eles se atentaram com relação a determinados trechos da letra e passaram a utilizá-los em suas dissertações, defesas e relacionamento pessoal. Acho

que valeu a pena. A música tem esse poder de aproximar as pessoas.

Como venho de um curso de bacharelado, não aprendi nada referente à didática ou metodologias do ensino e minha relação com os alunos era baseada nos ensinamentos do curso de Administração. Até a bem pouco tempo desconhecia por completo os teóricos do ensino e tive que improvisar utilizando os conhecimentos adquiridos e minha experiência de vida.

Surpreendi-me com o novo contexto da sala de aula, onde o professor não é mais aquela figura a quem todo mundo, goste ou não goste, respeita. Deparei-me com situações em que vi pais incitando o filho a desrespeitar o professor porque ele não quis dar uma nova chance a um aluno displicente e reincidente. Ouvi professores serem ameaçados por alunos e por pais de alunos por causa de uma nota baixa numa prova.

A sala de aula se tornou um lugar de um entra e sai sem pedir licença onde alunos assistem às aulas com fone de ouvido e onde os decibéis atingem um limite de periculosidade para a audição.

O professor prepara as suas aulas e sai da sala de aula completamente frustrado porque não consegue atingir a metade de seus objetivos. Vi professores saírem sem voz, completamente afônicos devido à tentativa de transmitir seus conteúdos procurando falar mais alto que os alunos.

Sinceramente, logo no primeiro mês cheguei a pensar: - “Sala de aula ou é para doido ou é para se ficar doido”.

Eu só sei que como professora me nego a ficar chamando a atenção de pessoas adultas, de um curso técnico que estão ali por escolha própria e não por obrigação.

A minha função, como professora, é a de orientar o aluno de forma a que ele construa o seu próprio conhecimento e para quem está disposto a aprender. Eu não vou para a sala de aula para me estressar e nem tampouco tenho a obrigação de ter o tal “domínio da turma”. Se existe uma obrigação por parte de alguém deve ser de um ser humano para com outro ser humano independentemente de quem seja e essa obrigação é denominada RESPEITO. É exatamente aqui que encontrei nos escritos de Paulo Freire uma fonte de inspiração para poder desempenhar o meu novo papel de forma a que essa nova realidade da sala de aula não me torne uma pessoa inflexível, conformada, frustrada e porque não dizer desencantada.

Preciso aprender a lidar sobre tudo, com as diferenças. Diferenças essas de época, de idade, de comportamento, de interesses, de valores, de inteligência, de carência, de classes sociais, de realidade, etc. Há treze anos, essas diferenças eram silenciosas, o que facilitava a vida do professor. Hoje essas diferenças gritam, clamam dentro da sala de aula e aí entra o jogo de cintura à flexibilidade, o saber se sair de cada situação com humor,

com ironia ou com irreverência, mas acima de tudo com paciência Seguindo os ensinamentos de Paulo Freire.

No livro “Pedagogia – Diálogo e Conflito” que Paulo Freire escreveu junto com Moacir Gadotti e Sergio Guimarães encontrei trechos em que eles comentam sobre a “Paciência histórica do educador”. Em alguns trechos do livro eles também mencionam sobre as diversas formas de se sair de situações provocativas e defendem que o educador tem que ter sempre paciência, porém ninguém é de ferro e algumas vezes no calor da hora ela falha e ainda colocam que se utilizam do humor, da ironia e da irreverência para saírem dessas situações.

Quando li esse livro pude entender melhor os conflitos surgidos em sala de aula e principalmente o que aconteceu na aula do Professor Rodrigo, ao qual mencionarei mais adiante.

Paulo Freire aproveita para relatar duas situações em que ele precisou utilizar de ironia para se sair de uma situação provocativa:

Na primeira situação ele relata um cenário onde estava ministrando uma palestra sobre transcendentalidade e que alguém na platéia se demonstrou muito irritado com suas colocações, posicionando-se de forma antagônica.

Nesse momento ele disse para a pessoa que não iria discutir sobre o que era certo ou errado sobre os dois pontos de vista e que respeitava a opinião do oponente. Apenas pediu para que se a pessoa realmente conseguisse

comprovar o que estava dizendo que enviasse a receita para ele. Ou seja, evitou-se um enfrentamento maior, porém segundo Freire, em seguida a pessoa se retirou do recinto.

A segunda situação foi no aeroporto de Viracopos em uma conversa com um jornalista em que foi lhe perguntado se ele queria aproveitar para agradecer pelo fato dele poder estar voltando ao Brasil depois do exílio. Paulo Freire respondeu que não havia motivos para agradecimento e que o jornalista estava defendendo a situação apenas sob o seu conhecimento da história. Segundo Paulo Freire, a entrevista acabou não sendo divulgada.

E isso vem ao encontro de uma coisa que aprendi na vida: - a de que sempre existirão duas razões, a sua e a do outro e que enquanto ambas as partes ficarem defendendo as suas razões, o conflito irá persistir. Alguém terá que abrir mão da sua razão, mesmo que temporariamente para que se possa haver o diálogo e chegar-se a um consenso.

A descoberta de uma lacuna: Teoria sem Prática

Ainda no primeiro semestre de 2010, soube que o curso Técnico em Administração não tinha estágio obrigatório, o que me deixou bastante surpresa.

No ensino profissionalizante, surge a urgência de teoria e prática serem concomitantes e percebemos existir um desnível entre elas o que também contribui para a

desmotivação e evasão. Como no ambiente escolar torna-se difícil criar um ambiente profissional com as devidas práticas empresariais pensamos em propor uma parceria entre empresas e escola, onde elas passariam a oferecer um estágio de seis meses por um período de quatro horas diárias, via CIEE (Centro de Integração Empresa Escola) como agente integrador, aos nossos alunos.

A empresa arcaria apenas com uma pequena ajuda de custo para deslocamento e despesas do aluno, que poderia se denominar bolsa auxílio, uma vez que, estará lhe oferecendo a oportunidade de mostrar suas competências e quem sabe até vir a se tornar um membro de seu quadro efetivo. Tudo vai depender do desempenho do aluno, mas sem nenhuma promessa, dando-lhes apenas o conhecimento da prática empresarial e abrindo-lhes possibilidades

Em sala de aula notei que aproximadamente 30% dos alunos estavam desempregados, sendo que boa parte deles nunca haviam trabalhado.

Como ia levar os alunos para fazer uma Visita Técnica em uma empresa, achei que está seria a oportunidade para elaborar a proposta de parceria para mostrar ao gerente.

Denominei essa proposta de “Projeto Mãos dadas”, onde a empresa complementaria com a prática, o aprendizado teórico que o aluno recebe na escola.

Quando conversava com os gerentes das empresas, eles achavam uma excelente proposta, porém ainda nenhuma delas formalizou um compromisso com o projeto.

Segue a carta/proposta que apresentei para as empresas:

PROJETO “MÃOS DADAS” Empresa extensão da Escola - Escola extensão da empresa

“O Colégio Estadual... oferece para a comunidade, desde 2008, o curso Técnico em Administração a nível Pós Médio, ou seja, ao aluno que já tenha concluído o ensino médio e queira incluir em seu currículo um curso técnico profissionalizante. Possui duração de três semestres.

A aspiração de nossos alunos é a sua colocação ou recolocação no mercado de trabalho e para isso torna-se importante aliar a teoria da sala de aula às práticas profissionais e ao ambiente empresarial.

Surgiu-nos então a idéia de buscarmos parceiros (empresas) para qualificar e aprimorar o ensino técnico de forma que adquiram um conhecimento mais completo e mais condizente com as necessidades do mercado de trabalho, bem como a facilitar a sua absorção pelo mesmo.

PROPOSTA DE PARCERIA

Temos um índice aproximado de 30% de nossos alunos a procura de seu primeiro emprego ou de um novo emprego, os demais estão em busca de um melhor posicionamento na empresa em que trabalham. Como no ambiente escolar torna-se difícil criar um ambiente profissional com as devidas práticas empresariais, surgimos a idéia de propor para as empresas do município e arredores que proporcionem um período desse conhecimento empírico aos nossos alunos. Esse período poderia ser de seis meses em turno de quatro horas diárias. O CIEE administraria os estágios e a empresa arcaria apenas com uma pequena ajuda de custo que poderia se denominar bolsa auxílio, uma vez que, estará dando ao aluno a oportunidade de mostrar suas competências e quem sabe até vir a se tornar um membro de seu quadro efetivo. Tudo vai depender de seu desempenho, mas sem nenhuma promessa, dando-lhes apenas o conhecimento da prática empresarial e abrindo-lhes possibilidades. A bolsa auxílio fica a critério da empresa.

Essa experiência irá fazer parte de seu currículo e certamente agregará valor não só ao aluno, como para os futuros empregadores.

Caso a empresa se interesse em permanecer com o estagiário após os seis meses propostos pelo projeto,

deverá providenciar novo contrato fora dos moldes do Projeto “Mãos Dadas”

O Projeto visa a atender a qualquer aluno que esteja cursando o Curso Técnico em Administração e poderão desenvolver funções pertinentes tais como: auxiliar administrativo, administrativo de vendas, administrativo de atendimento ao cliente, de suporte a vendas, de pós venda, de manutenção, de RH, de finanças, de materiais ou logística, de marketing e auxiliar de contabilidade.

A escola terá um professor que cuidará do atendimento das empresas e encaminhamento dos alunos de acordo com o perfil do mesmo às vagas ofertadas e também fará o acompanhamento.

Dessa forma, num contexto de responsabilidade social e qualificação do ensino ambas, Empresa e Escola, estarão colaborando não só para a formação de profissionais, mas também para a formação de cidadãos que vislumbram um futuro melhor e farão de seus estudos a força propulsora para a realização dos seus sonhos.”

Este projeto foi apresentado para poucas empresas, e ainda não foram exploradas todas as possibilidades.

Certa vez, ao visitar uma empresa e expor o projeto, recebi como em todas as outras vezes, elogio a iniciativa, porém disseram-me que já estavam comprometidos com o programa Jovem Aprendiz do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) e que não poderiam abraçar mais essa

causa porque se tornaria onerosa para a empresa, uma vez que o programa do MTE solicita um significativo percentual de vagas disponíveis para o Jovem Aprendiz e esse percentual incide diretamente no número de funcionários que a empresa possui.

Com relação ao Programa Jovem Aprendiz, cabe esclarecer que o mesmo consiste numa ação do governo federal destinada a inserção/capacitação de jovens entre 14 e 24 anos, matriculados no Ensino Fundamental, cujo objetivo é promover a articulação entre os conhecimentos escolares com o mundo do trabalho. As ações educativas são desenvolvidas em parceria entre escola e empresas, as quais incluem os jovens aprendizes no quadro de pessoal, respeitando um percentual máximo de 15 a 25% do total de trabalhadores.

A partir de minha experiência enquanto docente e também como profissional da iniciativa privada, entendo que tal Programa oferece uma oportunidade para a articulação entre empresa e escola, principalmente no âmbito da educação profissional técnica de nível médio.

A partir da experiência que vivencio e minha trajetória profissional e acadêmica, dos estudos e leituras realizadas, destaco a necessidade de maior articulação entre empresas e escolas. Para tanto, faz-se necessário à adoção de estratégias tanto no âmbito das escolas, mas principalmente em termos de políticas públicas que fomentem e criem condições para que tais

aproximações/articulações entre escola e mundo do trabalho aconteçam.

Penso que tais estratégias são fundamentais para que tais discursos, muitas vezes, veiculadas em programas de expansão do acesso a escola e ao ensino profissionalizante possam de fato promover a inserção/reinserção de jovens e adultos no mundo do trabalho, contribuindo tanto para a sua qualificação profissional como também para o exercício da cidadania. Para atingir tais objetivos penso que tanto como educadores/as, Universidades, escolas, empresas e órgãos de governo precisam realizar parcerias, promovendo de forma efetiva o diálogo entre educação e mundo do trabalho

Quero abrir um parênteses para falar um pouco sobre motivação e desmotivação, pois me deparei com alunos completamente perdidos, sem saber porque estavam fazendo o curso técnico. Alunos que falavam mal da escola, do curso, da administração da escola. Alunos que contagiavam a sala de aula com a sua postura negativa. O que me preocupou bastante.

O que pretendo mostrar nesses meus registros, são as formas que encontrei para tentar reverter essa situação, valendo-me de projetos, propostas, aulas em forma de jogos ou gincanas, enfim tudo pensando em uma forma de combater a apatia, procurando despertar o aluno para uma nova realidade. A de sua responsabilidade, enquanto cidadão, de promover o melhor para si e para o próximo.

Os conceitos abaixo, reforçam o que eu sentia.

Conceito de Motivação:

O que é motivar?

“Motivar significa despertar o interesse; induzir, incitar, mover; despertar o entusiasmo; levar a dedicação - com ardor”. Motivação é ainda uma espécie de energia, de natureza psicológica, ou até mesmo uma tensão, que põe em movimento - em estado de ação - o organismo humano.

Motivação é, assim, uma “energia interna”, algo que vem de dentro do indivíduo, fazendo com que ele se coloque em ação. Assim, motivar a qualidade seria induzir o aluno a otimizar suas atividades com vistas a obter melhores resultados em termos de qualidade, ou seja, a indução levada a efeito a partir do estímulo à energia interna do ser humano.

Quando se busca motivar um indivíduo tenta-se na verdade, considerá-lo em todas as suas potencialidades e não apenas em sua parte física.”.”.

Extraído do livro “Controle de Qualidade” de Edson Pacheco Paladini pg. 43

Submotivação

“A Submotivação” é um problema muito sério que na maior parte das vezes é encarado como um problema pessoal e não social; que é lamentável que esses estudantes não aproveitem mais do processo educacional, não obstante eles sejam os únicos a perder com isso. Essa visão é incorreta. A presença passiva do estudante no Campus representa um grande custo e desperdício social. Os estudantes desmotivados saem da faculdade com menos habilidades do que poderiam ter obtido e, portanto, irão ganhar menos e contribuir menos. Se tivessem arranjado um emprego, em vez de freqüentarem uma faculdade, possivelmente teriam desfrutado de rendimentos imediatos e de mais satisfação no trabalho. O estudante desmotivado irradia efeitos negativos na sala de aula e no Campus, sem falar na apatia e, às vezes, no cinismo, que conseguem transmitir aos outros estudantes, criando uma atmosfera que dificulta o excitação educacional. (Kotler, 1978, p. 364 e 365).

Essa leitura e mais o que havia observado nos alunos me fizeram refletir sobre minhas práticas em sala de aula, procurando utilizar de estímulos o máximo que pudesse e desenvolver o “Projeto Mãos Dadas”.

Fecha o parenteses.

Problema: Comportamento

Nas reuniões que aconteciam mensalmente com os professores do curso técnico na escola, eram discutidas as dificuldades apresentadas por cada professor, bem como as informações administrativas, assuntos novos e sugestões para melhorias do curso.

O tema mais relevante das reuniões era o comportamento do aluno frente ao professor. Realmente as situações apresentadas eram preocupantes. O atrito entre professor e aluno era tamanho que alguns professores estavam sentindo o efeito em sua própria saúde.

Os jornais também apresentavam artigos que falavam sobre o descontentamento dos empresários a respeito das atitudes dos jovens. Um desses artigos intitulava-se: “Admitidos pela competência, demitidos pelo comportamento”.

Algo tinha que começar a ser feito e com urgência.

Foi quando surgiu a idéia do professor Frederico, que na época também dava aula de Administração Geral em nossa escola:

- O que vocês acham de realizarmos a cada semestre para os alunos que estão iniciando, uma aula inaugural, onde seriam esclarecidas todas as regras e sistemática da escola de forma a evitarmos conflitos no decorrer do curso?

Excelente idéia do professor Frederico.

Fizemos uma aula inaugural onde além de apresentarmos a escola, as propostas do curso, as regras disciplinares e a sistemática de notas e trabalhos, também realizamos uma pequena palestra que objetivava fazer com que o aluno refletisse sobre o seu comportamento e o mundo atual.

Aproveitamos essa mesma palestra para esclarecermos sobre o papel do profissional “Técnico em Administração” nos dias de hoje e no quanto ele é responsável pela sua qualidade de vida e de todos os que o cercam.

Iniciava-se com um vídeo motivacional, depois vinha a palestra propriamente dita e o fechamento era com outro vídeo que trazia uma mensagem de otimismo de forma reflexiva.

Foi muito interessante o quanto essa atitude por parte da escola colaborou para um início de mudança na postura dos nossos alunos.

E foi gratificante para mim quando duas alunas me revelaram, em sala de aula, que antes da palestra não estavam bem certas do que queriam e de para que serviria este curso. Mas, que depois que assistiram a palestra, vislumbraram um horizonte e passaram a ter vontade de fazer o curso.

É claro que não é possível contentar a todos. Alguns alunos desistem com o passar do tempo por acharem que o curso não corresponde aos seus objetivos, mas pelo menos iniciamos um semestre de forma clara transmitindo a mensagem de que nos importamos com eles tanto como pessoas, quanto como alunos e futuros profissionais que se tornarão.

E isso é tudo que o ser humano mais precisa: - Sentir que alguém se importa com ele, sentir que ele é necessário, sentir-se importante e acima de tudo que suas ações podem ser reconhecidas. (Entra aqui um pouco da idéia do Portfólio que será mencionada mais adiante)

Voltando para a sala de aula:

Pois bem, a cada aula dada uma novidade, a descoberta de novas necessidades.

Queria fazer diferente, mudar a forma de ensinar.

Meu desejo era o de contribuir para formar um bom profissional e acima de tudo fazer com que os alunos conseguissem aliar qualidade de vida e responsabilidade social.

Novas situações foram criadas.

O grande desafio

No segundo semestre de 2010, estava ministrando aula de Administração Geral ao primeiro módulo do curso .

Comecei a falar sobre o significado da palavra Administração e dos precursores da Administração para posteriormente falar sobre os quatro pilares que dão sustentação à Administração que são: Planejamento, Organização, Controle e Direção ou Liderança. Tratava-se de uma disciplina bastante teórica e eu ficava me perguntando:

- O que posso fazer para tornar essa aula mais atraente e mais dinâmica?

Surgiu-me então a idéia de formar grupos de quatro alunos em que eles executassem a função Planejar de forma prática valendo-se da teoria que eu havia transmitido.

Lancei a seguinte tarefa ao grupo:

“-Vocês são os sócios proprietários de uma construtora e pretendem construir um condomínio horizontal.

1º passo – Planejar a compra do terreno, mas para isso já tem que se ter em mente o tipo de construção que será feita para saber qual deverá ser a metragem do terreno, inclinação, localização, etc.;

2º passo – Planejar como serão as construções, as etapas da construção, etc.;

3º passo – Planejar a contratação de mão de obra;

4º passo – Planejar a compra dos materiais necessários;

5º passo – Planejar o tempo de execução das obras;

6º passo – Planejar a comercialização das casas;

7º passo – Planejar o lançamento do Empreendimento;

“O Planejamento deve acontecer sobre as ações.”

Para mim, esse trabalho tratava-se de um enorme desafio, pois os alunos iriam numa única tarefa entrar em contato com pelo menos cinco áreas da Administração: finanças, produção, pessoal, materiais e vendas e ainda ter que elaborar um planejamento envolvendo todas essas áreas.

Como eu tinha feito a Faculdade de Administração em que, na época, o assunto nos foi dado somente via teoria e dessa forma não havia entendido direito o que era a função Planejar nem tampouco as demais funções de um Administrador, pois não tínhamos técnicas vivenciais ou exercícios de simulação, saí da faculdade apenas com a teoria e não via nenhuma conexão com o meu dia a dia.

Achei que havia dado aos alunos uma missão impossível, principalmente, porque eles tinham recebido apenas três aulas teóricas sobre a função Planejamento, mas para meu espanto, eles aceitaram aquele desafio como se fosse a coisa mais simples do mundo e cada equipe desenvolveu trabalhos tão bem elaborados, detalhados e pesquisados que eu nem sequer podia acreditar.

- Como é que para eles podia ser tão fácil desenvolver um trabalho sobre um tema que eu levei anos para entender o seu significado? E isso só aconteceu quando comecei a trabalhar na minha área. (No livro de Pedro Demo: Habilidades e competências no século XXI que conheci através do curso de Formação pedagógica, pude encontrar a resposta e falarei dela mais adiante).

Está certo que estava lidando com adultos que já trabalhavam, mas na faculdade, em nenhum momento me lançaram um desafio de tamanha proporção e a minha turma também era composta de adultos em que a maioria pertencia ao mercado de trabalho.

E foi aí que eu compus a minha própria teoria da aprendizagem, ou seja, para tirar o aluno daquela postura apática, ele tem que ser instigado o tempo todo, desafiado senão não tem graça. Quando ele é desafiado, ele mesmo acaba tratando de estabelecer uma conexão do tema que está lhe sendo dado com a realidade e isso torna mais fácil o desenvolvimento dos trabalhos.

Passei então a tentar elaborar aulas como se fossem gincanas, colocar um grupo frente ao outro, grupos que elaborassem aulas e trocassem de lugar com o professor.

Passei a recompensar iniciativas e foi aí que eu entendi que o aluno, mesmo depois de um dia inteiro de trabalho, mesmo depois de todo estresse do dia a dia, quer mais é ser sacudido, questionado e estimulado, pois ele escolheu ir para uma sala de aula.

A partir de então comecei a preparar aulas com estímulos, no qual o aluno sairia da postura passiva e passaria para postura ativa, onde ele mesmo iria fundamentar o conhecimento adquirido encontrando uma conexão com a prática ou a realidade. O estímulo, na verdade, sempre parte do desafio colocando os alunos numa posição de tomadores de decisão, com responsabilidades de construir e administrar circunstâncias de forma clara e coerente colocando em prática a teoria transmitida em sala de aula.

Essa experiência deu origem ao Portfólio que relatarei mais adiante.

Resultados obtidos até aqui

Falar sobre os resultados não é uma coisa muito fácil, principalmente quando ele não é expresso em números, mas os feedbacks mais marcantes foram:

1º Quando utilizei da música para sensibilização dos alunos e para poder entrar no mundo deles, os alunos responderam escrevendo coisas bastante significativas e demonstraram terem parado para refletir sobre a mensagem da música utilizando essa mensagem para a vida.

2º A aula inaugural com a palestra motivacional e os efeitos relatados pelas alunas, ou seja, a de que agora haviam entendido a que se propunha o curso e se sentiam estimuladas para cursá-lo.

3º Quando lancei o que denominei de “O grande desafio” os alunos, em sua grande maioria, responderam com trabalhos surpreendentes e se mostraram muito felizes e motivados ao realizarem aquela tarefa. E ainda o mais inesperado, eles queriam mais, queriam ir muito além daquela simples entrega do trabalho escrito.

4º Na Mostra Técnica tanto do segundo semestre de 2010, quanto do primeiro semestre de 2011, os grupos que puderam realizar trabalhos na área da Administração, optaram pelo trabalho, mencionado no item 3 e deram uma aula show sobre planejamento. Ambos os trabalhos foram muito elogiados por toda a banca.

5º Os alunos do módulo III que apresentaram seus TCCs, tanto na área da Administração, quanto nas demais matérias mudaram sensivelmente sua postura, demonstrando um alto grau de comprometimento para com os temas abordados, bem como um alto domínio sobre os mesmos. Os alunos que fizeram o TCC na área da Administração, me emocionaram, pois eles completaram o ciclo, uma vez que levantaram um problema, elegeram uma hipótese, foram a campo e descobriram que essa hipótese não correspondia ao que eles pensavam, o que culminou em uma conclusão que os fez entender sobre a importância do papel de uma boa administração dentro de uma empresa e do que é constituída uma boa administração.

6º Nossos alunos recém formados, mencionados no item 5, devido ao TCC tão bem elaborado foram convidados pela direção do colégio para apresentarem seu

trabalho, como palestrantes na aula inaugural, como forma de exemplo e estímulo para os alunos iniciantes.

7º Os alunos que participaram da mostra técnica e se destacaram foram convidados para apresentarem seus trabalhos aos demais módulos como forma de sensibilização para a responsabilidade sócio/ambiental de cada um.

Embora tenha contribuído com esses resultados de forma indireta, pois fiz com que os alunos fossem procurar suas próprias respostas, o mérito do resultado é somente deles, porém de certa forma me senti gratificada e feliz, mesmo sabendo que não os tenha orientado tanto quanto deveria.

Lembrei-me agora da Parábola da Águia. Certa vez li que a águia para ensinar o filhote a voar o empurra despenhadeiro abaixo, numa ação que pode parecer irresponsável e negligente, mas pelo seu instinto ela sabe bem o que está fazendo. Então surge a pergunta: - se o filhote voar, tudo bem, mas e se o filhote não conseguir voar?

Ela espera o momento certo para empurrá-lo, mas e se?...

Muitas vezes me vejo no papel de águia.

Acho que todos nós, professores, de certa forma agimos, um pouco, conforme essa Parábola.

Início do segundo semestre de 2011

Conforme já havia falado anteriormente, iniciamos o semestre com uma aula inaugural e dessa vez a novidade era de que alguns alunos que acabaram de se formar e obtiveram o melhor desempenho durante o curso e no Trabalho de Conclusão, viessem dar uma palestra aos alunos iniciantes, relatando suas experiências enquanto estudantes, as oportunidades que surgiram em suas vidas devido ao curso e fizessem a apresentação do trabalho de conclusão.

Foi uma experiência muito boa, que acrescentou tanto para os iniciantes como para os veteranos. Para os iniciantes porque vislumbraram através dos veteranos um horizonte e para os veteranos a importância se deu devido ao fato de estarem se iniciando no mercado de trabalho com a experiência de serem palestrantes. Essa palestra que os veteranos fizeram já entra para seu currículo como um serviço voluntário e fará parte do Portfólio deles. Tudo foi registrado no Jornal da cidade do dia 16/08/2011 (a palestra ocorreu em 08/08/2011). É uma ação da escola voltada a estimular talentos.

O início do semestre, como tem acontecido regularmente, foi marcado pela falta de professores e em alguns casos de última hora, deixando alunos, demais professores e direção meio atordoados.

Novamente quis propor algo novo nas disciplinas de Administração de Vendas e Administração Geral.

Administração de Vendas é basicamente Marketing e se o aluno não entende o que é Marketing, fica difícil compreender os demais conteúdos. Para a maioria Marketing é propaganda e até conseguir fazê-los entender que a propaganda apenas faz parte do Marketing e que ele é muito mais abrangente demora um pouco. Então resolvi pegar uma crônica do Jornal do Comércio em que o autor descrevia muito bem as ações de Marketing e esboçava uma definição, para que os alunos lessem e emitissem a sua própria opinião sobre o significado de Marketing.

Dei um tempo para que lessem e escrevessem o que entenderam. Em seguida começamos a conversar sobre o conceito que cada um havia formado, depois pedi para que eles dessem palavras-chaves sobre o significado de Marketing, escrevi no quadro e a partir daí organizamos as palavras e criamos uma definição oriunda da própria turma.

Fiz o mesmo para o conteúdo “Planejamento” na disciplina de Administração Geral.

Os alunos disseram que dessa forma ficou bem mais fácil de entender e aproveitei para perguntar para um aluno que está fazendo a disciplina pela segunda vez devido a reprovação no módulo, pois ele havia aprendido o conceito através da minha metodologia anterior que era passar o conceito pronto no quadro para os alunos copiarem. Esse aluno também disse que para ele havia ficado bem mais fácil de entender o significado de “Planejamento” nesse novo formato, ou seja construindo o conceito junto com a turma.

O curioso é que nasce uma nova definição a cada nova turma. É claro, não fugindo do verdadeiro significado, apenas utilizando-se das palavras e do entendimento dos próprios alunos. (Essa técnica faz parte do que aprendi em Ilhas da Racionalidade e Clichês com a professora Ivone).

Muito bem, agradeço a Deus por tudo ter dado certo até agora, mas preciso de maiores conhecimentos. Preciso conhecer melhor o funcionamento do ensino e suas práticas pedagógicas para poder prosseguir de uma forma melhor estruturada.

Também nas reuniões de professores do colégio, havia muita coisa que fugia ao meu conhecimento.

- Que tal fazer um curso de Formação Pedagógica como complementação do Bacharelado?

Até aqui relatei minha experiência como docente. Agora passo a relatar minha experiência como discente.

De Professora a Estudante – enxergando esse novo contexto sob a ótica do aluno

Pois bem, estava eu as voltas com tantas coisas novas, meio atordoada sem saber o que fazer, pisando em um terreno um tanto quanto desconhecido, quando no primeiro semestre de 2011 surgiu a oportunidade para fazer um curso de Formação Pedagógica na UERGS.

Meus olhinhos brilharam diante dessa possibilidade, pois se tratava da oportunidade de eu poder entender o funcionamento do ensino público, junto com a didática e a metodologia do ensino. Mergulhei fundo nessa oportunidade e me propus a voltar a ser aluna para aprender a ser professora ou educadora como diz Paulo Freire.

Bom, se eu já estava me sentindo estranha nesse novo contexto da sala de aula como professora, imaginem como me senti como aluna?

– Um verdadeiro peixinho fora d’água. E era assim que me sentia a cada nova aula.

Os professores me apresentavam as “Práticas Pedagógicas”, com suas teorias do ensino e seus teóricos, suas metodologias, a didática, a epistemologia, a propedêutica e a hermenêutica.

Vocês podem imaginar o que uma pessoa que durante vinte e seis anos trabalhou na iniciativa privada, procurando o tempo todo atender as necessidades dos clientes, buscando nichos de mercado, lendo livros de marketing, fazendo cursos de técnicas de vendas, correndo atrás do atingimento de metas, sente dentro de um ambiente de domínio pedagógico?

- Como eu vou dissociar aluno de cliente? Para mim não existe diferença.

- Como eu vou me referir ao aluno como cliente para os meus professores, que na maioria, são pedagogos?

- Como eu vou me comunicar com meus colegas de sala de aula que são professores já há algum tempo e provavelmente não vão entender o meu ponto de vista?

E lá estava eu, “o peixinho fora d’água” tentando entender os novos ensinamentos e tentando se fazer ouvir com um enorme receio de parecer uma pessoa completamente sem noção.

As aulas de psicologia da professora Suelem me fizeram enxergar melhor o ser humano e a entender as diferenças existentes entre eles. Dentro da enorme diversidade de uma sala de aula ela me ensinou a não me intimidar ou deixar-me levar por rótulos e que pessoas são pessoas independentemente deles.

Lembro-me do dia em que cheguei à sala de aula e lhe disse: - Professora, eu tenho um aluno autista e não sei o que fazer porque a turma toda o rejeita. Ninguém o quer no seu grupo. A vontade que tenho é de conversar com os alunos a respeito.

E ela me retornou: - Não faça isso! Vamos levar essa questão para o grande grupo e eles vão te ajudar a encontrar uma solução.

Eu comecei a expor a situação para meus colegas junto com a professora e começamos a pedir a eles sugestões sobre como eu deveria lidar com essa situação, quando de repente a colega Andreia (olhinhos verdes brilhantes) virou para mim e disse:

- Não sei por que você está preocupada, você já tem a resposta. Você já passou por uma situação semelhante antes e sabe exatamente o que fazer.

Sábina Andreia, como num passe de mágica, ela dissipou todas as minhas dúvidas e eu entendi que o que estava me deixando insegura era o rótulo, ou seja, se ninguém tivesse me dito que o aluno era autista eu teria seguido em frente achando que ele era apenas diferente.

Por incrível que pareça tudo se resolveu ali naquele instante e eu soube lidar com o aluno da melhor maneira possível, sem nenhuma insegurança.

Sou muito grata a professora Suelem por esse grande aprendizado.

Vieram então outros professores, cada um com uma novidade.

A professora Renata contou-nos um pouco da história do ensino e a forma como ele evoluiu.

A professora Mireia com a sua famosa “Epistemologia” que virou jargão do colega Angelo.

A epistemologia provoca dois posicionamentos, um empirista que diz que o conhecimento deve ser baseado na prática, ou seja, no que for apreendido durante a vida, e a posição racionalista, que diz que o conhecimento tem origem na razão e não na experiência. Essa é a teoria do conhecimento.

Foi através dos ensinamentos da professora Mireia e dessa tão famosa “Epistemologia” que tive a idéia de desenvolver a proposta do “Portfólio” que nada mais é do que um comprometimento com o “resultado” (todo administrador que se preza sabe muito bem o que é isso). É o aluno construindo seu próprio conhecimento. O professor se comprometendo com o resultado de suas aulas e os alunos se comprometendo com o resultado de suas atividades.

O Portfólio na realidade servirá para que o aluno possa mostrar seu aprendizado e desempenho durante o curso fazendo dele um instrumento para ingressar no mercado de trabalho atrelando-o a seu currículo. Voltarei a falar sobre o Portfólio mais adiante.

Jamais vou me esquecer do grande incentivo que a professora Mireia me deu quando elogiou essa proposta de trabalho e ainda pediu que dividisse a idéia com meus colegas e o meu consentimento para que ela pudesse mostrá-la no curso de Administração que fica na fronteira do estado.

Não esperava por isso e fiquei muito feliz.

Também tenho que falar da importância das aulas da professora Ivone que com toda a sua delicadeza e sorriso largo nos ensinou sobre as leis da educação. Minha nossa, eu nada sabia sobre as LDBs, Provinha Brasil, sistemas de avaliação do ensino, etc.

Finalmente a tão esperada “Didática do Ensino” com a professora Heloisa que mesmo com toda a sua seriedade e exigência, não deixou de ter uma certa candura. Ensinou-nos a construir uma aula e iniciou-nos na produção científica. Foi ela que me fez entender a metodologia de ensino que eu estava aplicando em minhas aulas quando li o livro de Pedro Demo: Habilidades e Competências no século XXI, através de sua indicação.

Descobri lendo esse livro que “A motivação que a criança sente ao usar o computador/internet é incomparável com a (des)motivação que sente na escola, onde tudo lhe parece abstrato”(Gee, 2003; 2007, p.28). E percebi que isso também acontecia com adolescentes e adultos.

Quando disse anteriormente, que passei a dar as minhas aulas como se fossem gincanas para sacudir os alunos, percebi claramente o que segue:

“Os jogadores são motivados a assumir riscos, explorar e a experimentar novidades, para além de tentativas e erros, embrenhando-se em estratégias cada vez mais desafiadoras... Isso permite um senso real de iniciativa, posse e controle; é seu jogo. Essa sensação dificilmente encontra-se na escola. Ao contrário. A aprendizagem ganha, contudo, profundidade muito mais visível, quando os jogadores se

sentem livres em espaços de problemas instigantes, situados, podendo ocorrer soluções criativas de problemas complexos... Quando o jogo é coletivo, surge a percepção das estratégias relacionais, mútuas, implicando um misto interessante de habilidades individuais e coletivas” (Pedro Demo, 2010, p. 34 e 35)

Agora sim pude entender porque quando lancei o que denominei de “O grande desafio” para os alunos, o resultado foi tão surpreendente.

Agora pude compreender porque meus alunos aprenderam em um semestre o que eu não aprendi no curso inteiro de Administração. Eu nunca havia sido desafiada. Apenas recebia o conteúdo das disciplinas de forma passiva, lendo e estudando para as provas. Nunca, como aluna, assumi riscos e tive a sensação de que o jogo era meu.

O interessante em tudo isso é que sem saber proporcionei aos alunos, uma aula como se fosse um jogo do qual o desfecho para mim seria no mínimo imprevisível e com grandes possibilidades de não ter bons resultados. Ainda bem que eu estava errada!

Também quero falar do professor Otílio que com toda a sua experiência, nos fez pensar na importância da gestão na educação.

E o surpreendente e porque não dizer sempre presente, professor Gilson, simples, carismático e acessível que veio para nos orientar na elaboração de projetos e do nosso trabalho de conclusão de curso. É por causa dele que resolvi escrever essas *mal traçadas linhas* e a contar um pouquinho da minha experiência como professora e como aprendiz de educadora.

Na primeira aula do professor Gilson, chamou-me a atenção uma apresentação de Power Point que ele elaborou. Nessa apresentação continha uma informação que provavelmente dará margem para uma nova investigação de minha parte.

Nessa apresentação continha a informação de que havia sido feita por alguns estudiosos uma pesquisa com alunos sobre o tema: “O que faz de alguém um bom professor?”

Isso bastou para despertar o meu interesse, porque como venho buscando aplicar uma metodologia diferente em sala de aula tenho observado alguns comportamentos por parte dos alunos que me frustram.

Vejamos: no livro “Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente/ C. Gunter...(ET AL); trad. Francisco Pereira. – UNIJUÍ, 1998 (Coleção Fronteiras da Educação) , Medley (1979) cita Kratz (1896) quando este pedia aos alunos que descrevessem aqueles que consideravam terem sido os seus melhores professores. Essas descrições fundamentaram a

pesquisa de Medley (Medley, 1972, p. 431) com 10.000 alunos que retomava o modelo da pesquisa de Kratz. Essa pesquisa de Medley revelou que para os alunos a eficiência do ensino é associada principalmente a certos traços da personalidade do professor (o professor entusiasta, amigo, imparcial, acolhedor, que se interessa pelos alunos, etc.).

Eu defendi esse resultado pelo que tenho observado no cenário de minha escola. Havia notado que realmente esses traços, para os alunos, eram de grande importância e que formulava o conceito do aluno sobre “O que é ser um bom professor”.

Nesse momento entra um pouco dos meus conhecimentos na área de Administração em que temos que procurar dar ao nosso cliente, exatamente aquilo que ele quer. Não temos que criar uma necessidade e sim descobriremos qual é a necessidade dele. Esses são os famosos “Nichos de Mercado”.

Vejam bem, como tenho vinte e seis anos de iniciativa privada, posso dizer que conheço um pouco, as necessidades do mercado de trabalho e procuro elaborar minhas aulas em cima dessas necessidades porque estou formando futuros profissionais. Porém ainda não descobri quais são as necessidades dos alunos.

O professor do ensino técnico não tem apenas um tipo de cliente, tem no mínimo dois: o aluno e o mercado de trabalho.

Como professora do ensino técnico não posso apenas pensar em suprir as necessidades do meu cliente “mercado de trabalho”. Eu também tenho que descobrir formas de suprir as necessidades de meus clientes “alunos”, ou futuros profissionais que antes de alunos e profissionais são seres humanos com toda a sua complexidade.

Uma coisa é ter um cliente bastante racional (mercado de trabalho), outra coisa é ter um cliente bastante emocional (aluno) e o professor do ensino técnico tem que saber lidar com esses dois elementos: razão e emoção.

Essa informação apresentada na aula do professor Gilson, foi muito importante para fundamentar o que eu já havia percebido, ou seja, ser esse o perfil do bom professor segundo o critério dos alunos. Ou segundo a necessidade dos alunos.

Tudo bem que as aulas parecem mais um Show, mas tenho que dar para o meu cliente aquilo que ele quer e com o tempo orientá-lo para novos valores.

- Esse tema é digno de um grande estudo não é professor Gilson? Trata-se de um assunto bastante polêmico.

Isso me fez entender claramente o porquê de apesar de todo o meu esforço para fazer com que os alunos do curso técnico tivessem um diferencial competitivo, nessas três formaturas que aconteceram durante o período em que passei a dar aulas, não fui convidada nem para Paraninfo, nem para professora homenageada.

Uma coisa é o conceito que tenho sobre ser um bom professor. Outra coisa é o conceito que o aluno tem sobre um bom professor.

Mudança de Paradigma

Quero falar também de uma nova postura que terei que assumir a partir da última aula do professor Gilson. Trata-se de aprender a enxergar sob uma nova ótica algo que durante a minha vida toda profissional sempre tive como certo.

O professor Gilmar estava nos orientando a desenvolver um projeto de pesquisa e eu já tinha uma proposta formatada que estava desde o ano passado tentando desenvolver na escola e queria saber se ela poderia ser o referido projeto. Enviei-lhe a minha proposta e num primeiro momento ele disse ser possível, mas que teria que ser feita algumas alterações de forma a adequá-la ao formato do curso PFPD da Uergs.

Eu fiz uma breve adaptação e lhe reenviei. Em seguida houve o retorno informando que ainda não estava de acordo.

Novamente fiz mudanças e reenviei e em seguida o retorno de que ainda não estava de acordo.

Eu já não estava entendendo mais nada. Não estava entendendo onde o professor queria chegar, o que mais ele queria que fosse alterado ou adaptado? Quando finalmente, a partir de uma leitura que fiz para a sua aula e de um

seminário que iria apresentar, pude entender o que relato a seguir:

Meu grupo tinha que apresentar um seminário cujo tema era: “Dilemas e Perspectivas na Relação entre Ensino e Pesquisa”.

Trata-se de um tema bastante interessante, uma vez que muitos de nós nunca desenvolveu uma pesquisa, sendo que isso foge um pouco do nosso contexto, da nossa prática e do nosso entendimento.

O texto que havíamos lido para poder realizar o seminário informava que embora estivessem ocorrendo estímulos no desenvolvimento de pesquisas nas universidades, resultantes dos programas de pós-graduação, ainda não se notava uma contribuição para os cursos de graduação. A única contribuição que se notava nesse nível era através das bolsas de iniciação científica, mas que se dava devido a que estudantes que recebiam as referidas bolsas apresentavam bons rendimentos acadêmicos.

Esperava-se que o docente que atuasse na pesquisa contribuísse para a atualização dos cursos de graduação, mas que isso não estava acontecendo e que a justificativa era de que:

- as atividades do ensino eram desconectadas com as atividades de pesquisa;

- grande parte dos pesquisadores dedicam muito mais tempo a pós-graduação do que a graduação;

- pesquisadores que trabalham na graduação não conseguem estabelecer uma relação adequada entre seu campo de pesquisa e as disciplinas que lecionam.

O assunto principal era a formação do professor/pesquisador. Ou seja, a universidade teria que formar profissionais com as duas habilidades: a de transmitir conhecimentos e a de pesquisar. Existem teóricos que defendem que as competências de um pesquisador são completamente diferentes das competências de um professor, portanto essas duas atividades não podem ser exercidas por uma mesma pessoa.

Senti-me um pouco mais tranquila quando li ao final do capítulo que: “A ênfase está no desenvolvimento de uma atitude investigativa por parte do professor, detectando problemas, procurando na literatura educacional, na troca de experiência com os colegas e na utilização de diferentes recursos, soluções para encontrar formas de responder aos desafios da prática, independentemente de se atribuir ou não o rótulo de pesquisa a esse tipo de atividade”.

Mas, o que me surpreendeu depois de ter lido o texto e das trocas de e-mail com relação ao projeto, foi que na hora em que eu estava apresentando o seminário lembrei-me de uma frase de *Legrand* que eu havia colocado junto com o meu carimbo de e-mail. Essa frase dizia “Se a mente busca soluções você se torna positivo. Se a mente busca razões, você se torna negativo”.

Na Administração isso é praticamente uma regra:

- Não perca seu tempo e energia procurando uma razão. Encontre primeiro uma solução para depois procurar a razão.

Durante 26 anos da minha vida sempre procurei encontrar as soluções dos problemas e nunca me ative às razões e agora eu não estava conseguindo desenvolver o projeto que o professor Gilmar solicitou exatamente por isso.

Quando estamos elaborando um projeto de pesquisa temos que pensar no problema e nas possíveis causas que estão fazendo com que o problema aconteça.

É como no Diagrama de Causa e Efeito, ou seja: - quais são as causas que estão contribuindo para que ocorra um determinado efeito desejado ou indesejado?

O projeto que estava apresentando para o professor Gilmar era uma proposta para tentar solucionar um problema, ou seja, eu não estava investigando nada eu já estava propondo uma solução e por isso o meu projeto mais parecia um bulmerangue: - ia e voltava.

Na Administração temos algo que mercadologicamente denominamos de “Miopia de Marketing”. Ou seja: Muitos negócios deixam de crescer e de prosperar pelo simples fato de seus administradores não enxergarem a longo prazo e, principalmente, por não perceberem até onde eles podem chegar”.

Foi quando eu me dei por conta de que para desenvolver um projeto de pesquisa eu não posso ter uma visão de curto prazo, buscando apenas uma solução imediata e sim investigar as causas de um determinado fenômeno porque somente assim eu poderei chegar na raiz do problema evitando reincidência. Se eu busco apenas a solução ela vai servir para aquele momento, porém como eu não descobri a causa eu não ataquei a raiz do problema e ele poderá acontecer novamente.

- Vejam só tudo o que um professor, uma sala de aula, um texto e um desafio proporcionam de ensinamentos!

Como deu para se notar, os professores do curso de formação pedagógica me incitaram de certa forma a escrever, a ter idéias, desenvolver propostas e compartilhá-las com os meus colegas, o que tem sido bastante prazeroso, principalmente ao ouvir o colega Anselmo (o serinho) dizer que vai fazer uso da idéia do Portfólio e adaptá-la para o seu curso. Como trata-se de um colega bastante centrado, essa colocação para mim, foi muito valorosa e gratificante. É muito bom saber que algo que propomos é bem aceito.

Agora quero falar do professor Rodrigo... ah, sua primeira aula foi muito marcante e foi por causa dele que conheci a obra de Paulo Freire.

Ao entrar no curso de Formação Pedagógica pude perceber que aluno é aluno, independente da idade e do grau de instrução e que a cadeira e a mesa escolar tem o poder de converter um professor num adolescente. É incrível como nos transformamos quando estamos do outro lado.

Na sala de aula, como professores, somos exigentes, queremos disciplina. Já como alunos...

A primeira vez que me surpreendi com o comportamento de gente adulta em sala de aula, como aluno foi quando eu estava cursando a faculdade de Administração. Alguns de meus colegas, gerentes, sendo que alguns de Banco se manifestavam como adolescentes sem rédeas. Um deles, nos intervalos entre as aulas, ainda tinha o hábito de atirar a calculadora na parede. O outro, também gerente de Banco, tinha o costume de fazer acrobacias com a sua cadeira até que um dia simplesmente despencou com ela no chão. Foi tragicômico.

Dessa vez eu e meus colegas professores também estávamos fazendo das nossas, com conversas paralelas, saídas, cafezinho, etc. Mas tudo parecia estar sob controle até a aula do professor Rodrigo.

Quando o colega também denominado Rodrigo passou para recolher a habitual “contribuição” para a compra do café, verificou que faltavam dois reais e em pleno debate na aula do professor Rodrigo levantou-se e foi escrever no quadro a quantia que faltava (o professor

chama-se Rodrigo e meu colega e aluno, também chama-se Rodrigo).

Minha nossa, o professor Rodrigo se indignou. Disse que onde já se viu, nós professores nos comportarmos como alunos, que estávamos faltando com o respeito uns para com os outros e para com ele. Que nada justificava aquele tipo de comportamento.

O clima na sala de aula ficou tenso e houve uma discussão desgastante.

E foi aqui que Paulo Freire passou a fazer parte de minhas práticas docentes.

Aprendi a enxergar sob duas óticas o que se passa dentro de uma sala de aula. Sob a ótica do aluno e sob a ótica do professor

Agora eu posso avaliar melhor a relação professor/aluno.

Pude entender o que havia se passado ali naquele momento. Entender os sentimentos do Professor Rodrigo e ao mesmo tempo entender os sentimentos de nós, os alunos.

Que grande aprendizado obtive naquela aula.

Foi a pedido do professor Rodrigo para desenvolvimento do trabalho “Paulo Freire e eu: Contribuições do autor para minhas atividades docentes” que tive o prazer de conhecer a obra de Paulo Freire e seus

companheiros, a qual mencionei acima e de onde tirei algumas citações para ilustrar o que aprendi:

GADOTTI – *Do aprendizado e da convivência com o Paulo acho que ficou muito desta paciência pedagógica, dessa paciência histórica que é própria do educador. Talvez então haja mais essa especificidade: optar por caminhar e fazer juntos, respeitar o momento histórico que o outro está vivendo. Respeitar e desrespeitar ao mesmo tempo, porque não é para convencê-la a ficar onde está; o educador vai tentar fazer com que ele caminhe.*

Mesmo essa convivência com o Paulo, porém, mesmo a leitura da sua obra e a assimilação desta questão fundamental do educador que é a humildade, a paciência, a sinceridade, muitas vezes tudo isso, no calor da hora, falha. Falha porque a pergunta é maliciosa, não tem nada a ver com o trabalho que se está desenvolvendo e no fundo seu objetivo é desviar a coisa para outro lugar. E “ninguém é de ferro”! “Nesses casos tenho sido “curto e

grosso” também nas respostas, e em geral improviso em cima de uma coisa que faz a platéia rir e aí a pessoa não consegue continuar.”

“Dentro de uma sala de aula, por exemplo, muitas vezes há uma “luta em classe” que reflete posições de classe diferentes, posições profundamente pedagógicas.”

Dermeval Saviani, Escola e democracia. São Paulo, Cortez – Autores Associados, 1983.

Quando fiz essa leitura percebi que ao escolher ser educadora assumi um compromisso e enquanto estiver exercendo esse ofício vou procurar me esforçar ao máximo para transpor todas as diferenças existentes e fazer um melhor uso da paciência, do humor e da irreverência procurando conduzir as aulas de forma mais leve e proveitosa evitando situações de conflito. Conforme Gadotti:

.... “na sala de aula, numa conferência, num grupo popular, no partido, você não deixa de ser educador, é educador em todo lugar, pois este é um trabalho que não se faz especializadamente. Não existe especialista em educação, existe educadora ou não, e uma das características básicas é essa paciência, que não é só psicológica, não depende do humor do momento. É uma paciência como postura política, que

acompanha todos os atos, em qualquer situação em que se encontre.”

Hoje posso dizer, que aprendi que o melhor que tenho a fazer quando surgir uma situação de conflito é utilizar das técnicas sugeridas por este livro.

Ainda quero aproveitar o contexto das aulas do professor Rodrigo para falar de um outro trabalho que ele solicitou sobre “A implicação da Tecnologia na minha atividade docente”.

Sou mera usuária das ferramentas tecnológicas, principalmente em se falando de computador. Utilizo essa ferramenta desde 1995. Desde lá escrevo textos no World, navego na Internet, utilizo sites de busca e e-mails, mas nunca a havia utilizado para dar aulas, até porque o meu recomeço no magistério se deu em abril de 2010.

Desde então a tecnologia tem sido uma aliada. É nela que busco as atualizações sobre a minha área e introduzo novidades em minhas aulas.

Como dou aula em uma escola pública percebi que a maioria dos alunos ainda não tem computador, tampouco acesso a Internet salvo quando vão a uma Lan House.

O interessante é que mesmo sendo essa a realidade da maioria dos alunos, não impediu a mudança de comportamento dos mesmos, pois embora muitos deles sejam semi-analfabetos digitais, com pouquíssimos

conhecimentos sobre as novas tecnologias, seu comportamento corresponde aos mencionados por Pedro Demo dos quais já falei acima e mencionarei outras citações:

“Não é um olhar inteligente pretender que no século XXI seja “especial”, pois pode nos iludir: tendo a oportunidade de viver nele, seríamos especiais. Deixando de lado este modismo, podemos organizar alguns horizontes do que se tem chamado “habilidades/competências” deste século para além da versatilidade tecnológica, e, mantendo em mente, os contornos da sociedade intensiva do conhecimento... O termo “multialfabetizações” assinala que a alfabetização se tornou plural, pois são muitas as habilidades esperadas para enfrentar a vida e o mercado de hoje, com destaque para a fluência tecnológica”. (Pedro Demo: Habilidades e Competências no século XXI, p. 40; 21).

Para compor minhas aulas, muitas vezes necessito de aparelho multimídia, onde lanço mão de filmes que encontro na Internet sobre os conteúdos programáticos das disciplinas e ainda tive que aprender a utilizar o programa Power Point.

Essa ferramenta, permite que se trabalhe as aulas como se fossem palestras (aulas show). É um recurso

para se sair da rotina e sensibilizar o expectador para o tema proposto.

“Segue que é preciso aprender permanentemente – aprender a aprender – porque a vida assim pede. Essa expectativa, no entanto, é facilmente reduzida à pressão do mercado e das novas tecnologias: já não se trata de aprender a aprender, mas de aprender para encaixar-se de maneira sempre renovada nas expectativas da produtividade e inovação tecnológica, em contexto claramente desregulado. Não mudamos porque valorizamos e sabemos mudar, mas porque corremos atrás de inovações que nos arrastam e, em geral, apenas nos envelhecem. Não somos inovadores, mas consumidores de inovação”. (Pedro Demo: Habilidades e Competências no século XXI, p. 30).

Portanto, além do novo contexto de sala de aula, ainda tive que reinventar a roda, aprender a aprender e não somente sobre o perfil do aluno dessa nova década que se inicia, mas também sobre as ferramentas tecnológicas.

Na vida, “ou se cresce ou desaparece” frase muito usada pelo meu marido.

Ainda sobre o tema “Tecnologia”, na última aula que tivemos com o Professor Rodrigo fizemos um “Estudo dirigido e Seminário Final, em grupo, para

debatermos sobre questões importantes sobre o tema, sendo que uma delas, em especial, chamou-me a atenção:

- 1) Elaborar uma avaliação crítica das articulações entre Tecnologia, Trabalho e Educação.

É interessante como uma coisa tornou-se dependente da outra.

A tecnologia tornou-se uma facilitadora para ambas as funções: trabalho e educação.

Quero aproveitar esse tema para falar de uma geração que viveu um momento histórico e uma difícil transição de uma era não tecnológica para uma amplamente tecnológica.

Na década de 1970, quando a tecnologia começou a despontar no Brasil, eu estava no ginásio, hoje seria o mesmo que as séries finais do ensino fundamental.

O que mais se falava, naquela época, é que a máquina iria substituir o homem e nas aulas de português tínhamos que desenvolver dissertações sobre o tema “A máquina e o Homem”. Vivíamos de certa forma assombrados com essa possibilidade e desenvolvíamos essa tarefa enfatizando tudo de ruim que podia nos acontecer por causa da máquina.

O desemprego era uma das questões mais cogitadas como a “desgraça humana” que a máquina proporcionaria.

Pois bem, o tempo foi passando e as pessoas se adaptando a esse novo contexto que até a década de 1990 evoluiu lentamente, não causando maiores transtornos.

O grande salto se deu a partir dos anos 2000.

Li certa vez numa reportagem do Jornal do Comércio que a máquina realmente tinha tirado muitos postos de trabalho, mais que em contrapartida tinha criado inúmeros outros e que o fantasma do desemprego em função da tecnologia não aconteceu. O que aconteceu foi que o homem deixou de ser um artesão para ser um operador da máquina porque ela passou a fazer o trabalho artesanal. Dessa forma ele apenas teve que se adequar a uma nova realidade, adquirir novos conhecimentos e desenvolver novas habilidades.

A leitura dessa reportagem fez com que eu reformulasse todo o conceito que tinha sobre tecnologia e que havia construído em cima de um preconceito da época. A nuvem negra se dissipou e eu pude ver com clareza que se a tecnologia trouxe coisas negativas ao ser humano, também trouxe muitas coisas positivas.

Porém, notei que as pessoas pertencentes a essa geração que denominei de “**Geração da transição tecnológica**”, são mais resistentes as mudanças sendo que

muitos optaram por enfatizar o passado vivendo de uma forma saudosista.

O nosso grupo para realização dos trabalhos no curso de formação pedagógica é composto por pessoas que pertenceram a essa geração e temos vivências muito parecidas.

Estávamos conversando eu, o colega Tales, o colega Nobrega e a colega Marta sobre a resposta a ser formulada para o tema proposto quando eu disse a eles que havia lido no livro de Pedro Demo: "Habilidades e Competências para o século XXI" - que nós não somos inovadores, e sim consumidores de inovação para podermos nos manter no mercado de trabalho.

Nesse momento o colega Tales disse que não iria atrás dos "modismos" e que preferia permanecer como sempre foi. Então eu lhe disse:

- Mas temos que cuidar para não nos tornarmos obsoletos.

E ele então revidou: - Como assim, eu tenho todo um conhecimento, toda uma experiência profissional e isso não conta?

E eu retornei: - O conhecimento nunca se tornará obsoleto, nem tampouco a nossa experiência tanto profissional, como pessoal, mas se não adequarmos as nossas habilidades as novas necessidades do mercado, daí sim, corremos o risco de cair na obsolescência (aqui

aparece novamente o que na administração denominamos de Miopia em Marketing).

- Temos que dar aos nossos clientes aquilo que eles querem. Não podemos impor-lhes as nossas condições.

- Ou nos adequamos ou estamos fora do mercado.

Seguimos conversando sobre o jovem profissional de hoje e a sua ênfase no uso da tecnologia, sua atração pela mesma e na facilidade de utilização.

Foi questionado o nível de conhecimento desse jovem profissional, uma vez que a tecnologia mascara um pouco o uso do raciocínio, pelo fato de já vir tudo pronto, sendo que o quesito “pensar”, “observar”, desses profissionais deixava um pouco a desejar.

Então eu coloquei que ao contrário do que pensamos, o jovem de hoje está muito mais atento do que fomos, porque nós sim pertencemos a uma geração de ingênuos, despidos da visão de longo prazo.

O jovem de hoje possui muito mais essa visão de longo prazo e procura construir o que até a bem pouco tempo desconhecíamos, que é o famoso “PLANO B”.

O jovem de hoje procura sempre ter uma carta na manga, alternativas para caso as coisas não ocorram conforme o planejado e que a nossa geração, por ingenuidade, por não pensar no dia de amanhã, não fazia.

Percebo muitos jovens na casa dos seus vinte e poucos anos, planejando os seus cinquenta, ou seja, eles querem trabalhar bastante hoje para chegar aos cinquenta com uma certa tranquilidade e poder aproveitar mais a vida, tendo mais lazer, mais tempo e dinheiro.

Talvez essa visão de futuro dos jovens de hoje, esse planejamento, em parte tenha sido possível pelo uso da tecnologia que os despertou para as possibilidades e para as reviravoltas que a vida pode dar.

O jovem de hoje ao observar a ingenuidade da geração da transição tecnológica, procura não cometer os mesmos erros.

No primeiro semestre de 2011, o programa Fantástico da Rede Globo apresentou uma reportagem sobre o comportamento do jovem de hoje que me surpreendeu. A reportagem dizia que ao contrário do que a maioria das pessoas pensavam sobre os jovens de hoje terem se tornado individualistas e somente pensarem neles, uma pesquisa mostrava exatamente ao contrário.

Essa pesquisa dizia que o jovem de hoje não era individualista, pois a preocupação dele era de viver bem, ter um bom emprego e contribuir para o bem estar social e do meio ambiente. O programa mostrou ainda várias ações de jovens que se tornaram prósperos e ao mesmo tempo solidários.

A partir dessa reportagem comecei a observar meus alunos e por incrível que pareça a “Mostra técnica”

apresentada por eles no semestre que se passou foi surpreendente. Os temas giraram em torno de:

- Sustentabilidade;
- Violência no trânsito;
- Ética e Ética Cristã e
- Comportamento.

São dois primeiros módulos que iniciam o curso a cada semestre.

Esse módulo em especial era composto por jovens na faixa dos 20 aos 30 anos.

Agora estou repensando os meus conceitos.

Havia ainda uma segunda pergunta que era bastante reflexiva e contributiva.

“O que podemos aprender com os colegas e o que podemos oferecer ao grupo”?

Num ambiente de trabalho, ou numa sala de aula há uma grande riqueza de conhecimentos a serem compartilhadas.

Temos muito a aprender e temos muito a oferecer a partir da nossa própria experiência de vida.

Não devemos nos ater a um roteiro pré-concebido porque o imprevisto e as oportunidades vão surgindo no decorrer das relações interpessoais.

Temos que ouvir e se fazer ouvir para que ocorra a sinergia, as trocas de informações e a coesão das idéias

Essa troca de experiência, essa relação interpessoal que o curso tem nos proporcionado é algo mágico que nos transforma.

Quero aproveitar para colocar aqui uma frase muito linda dita pela nossa colega Ana sobre esse tema ao seu grupo que o colega Carlos tão carinhosamente fez questão de abrir para toda turma:

-“São inúmeras as janelas que nos levam ao conhecimento” referindo-se a nós (colegas de curso) como sendo essas janelas. Há muita sabedoria em sua colocação Ana, e lhe parabênizo pela sua sensibilidade e por ter compartilhado esse lindo pensamento conosco.

Para encerrar essa questão quero colocar o seguinte:

- Temos muito a aprender e temos muito a oferecer para todas as pessoas que passam pela nossa vida. Mas, temos que ter sobre tudo humildade para distinguir e usufruir esses dois momentos.

Nas aulas de sábado, no curso, sempre pego carona com algum de meus colegas. As vezes quem tão

gentilmente me oferece essa carona é a colega “Dalva para maiores” apelido carinhosamente dado a ela nas aulas do professor Gilson.

O colega Leonardo, com quem também gosto de trocar idéias pelo seu jeito simples e objetivo de ser, sempre muito educado e gentil, também me oferece as referidas caronas.

Outras vezes pego carona com o pessoal de Montenegro: Angelo, Marta e Dalse.

Mas aquele a quem sempre incomodo e que nomeei como meu oferecedor de carona “mor” é o Colega Clóvis, com quem eu e o colega Elton, que também compartilha dessa carona, batemos altos papos durante o extenso trecho da Avenida Perimetral até o cruzamento da Avenida Assis Brasil onde desembarcamos.

Nesse sábado, em especial, estávamos divagando sobre o comportamento humano quando o colega Clóvis disse:

- Mas nós somos de natureza prepotente!.

Se referindo a nós dois, ao nosso gênio, a nossa maneira de ser, porque em alguns aspectos somos muito parecidos.

Arregalei os olhos e disse:

- Será Clóvis, você pensa mesmo isso?

E ele continuou afirmando que sim, mas que ele tinha consciência disso e estava se policiando para minimizar essa sua maneira de ser.

Fui para casa com aquela frase na cabeça e me perguntando o tempo todo:

- Será que eu sou prepotente?

Sei que a maioria das pessoas tem essa tendência e são barradas por outras de maior prepotência ainda, ou seja, só não é predominantemente prepotente aquele que dá de encontro com um prepotente ainda maior.

Procurei um dicionário para tentar esclarecer o que é ser “Prepotente” e encontrei a seguinte resposta: “é uma pessoa que só obedece à própria vontade, não dando importância a ninguém”.

Cheguei então a seguinte conclusão sobre prepotência: -Acho que todos nós nascemos assim e vamos mudando aos poucos de acordo com o que encontramos pela frente. Mas é bom encontrar alguém que nos faça refletir sobre nós mesmos, nosso comportamento para que possamos melhorar, cada vez mais, a nossa maneira de ser. Todo Feedback é muito importante porque indica um momento de reflexão sobre si mesmo.

Como já mencionei essa troca de conhecimento, de idéias que o curso nos proporciona é indescritível.

Pois bem, a cada aula no curso de Formação Pedagógica, um novo aprendizado. A cada novo professor uma nova experiência. A cada relacionamento interpessoal com os colegas, um novo conhecimento.

Só sei que ainda me encontro como aprendiz de Educadora e pelo visto ainda tem muita coisa nova pela frente.

Em se falando de aprender a aprender, de correr atrás das inovações e de se criar novas técnicas de ensino/aprendizagem, quero aproveitar para falar sobre a proposta do Portfólio que desenvolvi para os alunos do curso Técnico em Administração da escola em que trabalho.

PORTFÓLIO – Uma proposta

“Mantenha seus pensamentos positivos, porque seus pensamentos tornam-se suas palavras. Mantenha suas palavras positivas, porque suas palavras tornam-se suas atitudes. Mantenha suas atitudes positivas, porque suas atitudes tornam-se seus hábitos. Mantenha seus hábitos positivos, porque seus hábitos tornam-se seus valores. Mantenha seus valores positivos, porque seus valores... Tornam-se seu destino.”
Mahatma Gandhi

Os alunos do curso Técnico em Administração do Colégio Estadual... da região metropolitana de Porto Alegre construirão um Portfólio de suas atividades desenvolvidas durante o curso a partir do primeiro módulo. Atividades estas, geradas através dos conhecimentos adquiridos nos diferentes campos de conhecimento que o curso oferece.

Este Portfólio comporá o currículo do aluno onde constarão as atividades realizadas durante o curso, as competências adquiridas e habilidades desenvolvidas, ou seja: - o que o curso técnico proporcionou aos alunos a nível de conhecimento, de forma que esses alunos propiciem uma melhor qualidade de vida dentro das empresas, para a sociedade e para si mesmos. Atividades desenvolvidas pelos alunos:

No primeiro módulo o aluno terá o conhecimento das quatro funções básicas da administração que são: Planejamento, Organização, Controle e Liderança. Ainda nessas funções aprenderão a utilizar as ferramentas: Brainstorming, PDCA, 5W2H e Diagrama de Causa e Efeito.

A partir desse conhecimento o aluno deverá planejar, organizar e controlar simulando a abertura de uma empresa utilizando as ferramentas acima mencionadas e precisará desenvolver sete passos. São eles:

TRABALHO DE PLANEJAMENTO

Vocês são os sócios proprietários de uma empresa de _____ e pretendem _____.

1º passo: Fazer um Brainstorming para planejar que tipo de empresa vão abrir, onde a empresa se instalará e a composição do quadro societário com suas devidas atribuições (funções). Fazer em forma de PDCA.

2º passo: Através da ferramenta 5W2H desenvolver o Plano de ação para se montar essa empresa, ou seja:

- O que farão?
- Quem fará?
- Quando será feito?
- Onde será feito?
- Porque será feito?
- Como será feito? (metodologia)
- Quanto custará?

- 3º passo: Através do Diagrama de Causa e Efeito demonstrarão o efeito que estão buscando e quais são as causas ou os motivos ou ainda as alternativas que terão para se chegar ao efeito proposto que é o objetivo do grupo ou a empresa que se quer montar.

- 4º passo: Como serão distribuídos os cargos e funções na empresa? (organograma)

- 5º passo: Demonstrarão o fluxo das atividades para a abertura da empresa (Fluxograma).

- 6º passo: Terão que elaborar um controle sobre as ações para que tudo saia conforme o planejado e o que farão caso as coisas não saiam conforme o planejado.

- 7º passo: Farão o lançamento dessa empresa no mercado.

Num segundo momento, ao receberem informações sobre Administração de Pessoal, Recrutamento e Seleção farão o Desenho dos Cargos e Funções dos colaboradores dessa empresa, bem como irão escolher as formas de Recrutamento e Seleção.

Este trabalho proporciona ao aluno praticar através da simulação a teoria que aprendeu em sala de aula. Fará com que ele comece a planejar, organizar e controlar suas ações. Permite que ele aprenda a utilizar as ferramentas adequadas para elaborar um bom planejamento, o que vem ao encontro das atividades que um Técnico em Administração deverá desenvolver nas empresas. Fará parte do Portfólio do aluno e de seu currículo.

Essa proposta foi aplicada no segundo semestre de 2011 e a partir de agora irei relatar seus resultados, pois essa experiência fez parte da minha Prática de Estágio Supervisionado I do Curso de Formação Pedagógica da UERGS sob a orientação da professora Ivana e devido a isso desenvolvi a pesquisa que demonstro a seguir:

Os trabalhos desenvolvidos dentro da proposta do Portfólio foram de excelente qualidade e o que mais chamou a atenção foi o completo envolvimento dos alunos e o desenvolvimento do senso de equipe. Surpreendeu tanto a eles quanto aos professores, pois o resultado foi muito além das expectativas.

Essa proposta vem ao encontro da necessidade de se mudar e se adequar os conteúdos programáticos para uma nova realidade que é a de oferecer uma Educação Empreendedora.

Na nova Proposta Pedagógica para 2011-2014 que a Secretaria da Educação está elaborando para o curso Médio Politécnico ou Integrado, temos o item 1.2 onde é feita uma Análise Diagnóstica da Educação Profissional na Rede Estadual de Ensino p.5.

Essa análise mostra através de pesquisa o exposto a seguir:

A formação técnica está apartada dos rumos do desenvolvimento do Estado, bem como não indica intencionalidade do ponto de vista de preparar uma inteligência para os novos desafios que se apresentam em relação a outro paradigma. Percebe-se essa situação

tanto nos cursos relacionados à indústria quanto à agropecuária.

Considerando todas as oportunidades e investimentos proporcionados ao aluno, os dados revelam que, no ano de 2010, entre reprovados e evadidos, obteve-se um percentual de 33% na EP, índice similar ao desempenho dos alunos do Ensino Médio.

Os cursos ofertados na forma subsequente e também na forma concomitante em 2010 concentram alto índice de reprovação. Nas escolas de Educação Profissional que ofertam somente cursos técnicos (concomitantes ou subsequentes), o destaque foi para a evasão dos alunos, atingindo um percentual de 44% das matrículas.

De início, esse conjunto de dados revela que não há uma identidade da EP na Rede: cursos que não dialogam com as cadeias produtivas e organizadas de forma desarticulada, professores contratados, índices de reprovação e evasão preocupantes, configuram uma rede de escolas sem projeto

pedagógico articulado com a comunidade escolar.

Essas questões são preocupantes e a partir delas surge a necessidade de se inovar em termos de práticas pedagógicas de forma a que o aluno se torne o autor do seu aprendizado sendo orientado pelo professor. Essas colocações da Secretaria da Educação reforçaram a minha vontade de aprimorar o Projeto Portfólio.

Conforme Pedro Demo:

Sumariamente considerando, aprender bem significa: a) reconstruir o conhecimento, de sorte que o aprendiz possa tornar-se autor; b) interpretar textos com visão própria, fundamentando-os adequadamente; c) não depender de apostila, evitando-se mero domínio de conteúdo; d) desenvolver habilidades reconstrutivas, interpretativas capazes de sustentar autoria e autonomia dos estudantes. (Demo Pedro p. 79 - Habilidades e Competências para o século XXI, Editora mediação. Porto Alegre, 2010).

A questão da inovação não é somente relativa às práticas pedagógicas e sim a todo o processo de educação que envolve a escola em seu ambiente físico, o currículo dos cursos, o Projeto Político Pedagógico, a comunidade, etc, Inovar para não se tornar obsoleto, inovar para se adequar as novas necessidades do mundo do trabalho, inovar para permanecer, pois quando não há inovação é grande o perigo de se desaparecer.

Dentro da modalidade do Empreendedorismo, o curso oferece duas alternativas para o futuro profissional:

1º Empreender na empresa de outro, como funcionário e colaborador;

2º Ser dono do seu próprio negócio, empreendendo na sua própria empresa.

O Ensino Profissionalizante possui relações entre educação e trabalho onde se problematizam as concepções homem, mundo, sociedade, educação, ensino-aprendizagem, metodologia, planejamento e avaliação que permeiam as práticas e políticas públicas voltadas à formação para o trabalho.

Acompanhando jornais tais como Jornal do Comercio e Zero Hora, percebemos que existe certa insatisfação do mercado de trabalho para com os profissionais que são colocados a disposição do mesmo.

Algumas empresas abordam o descompasso entre a teoria transmitida nas escolas e a prática.

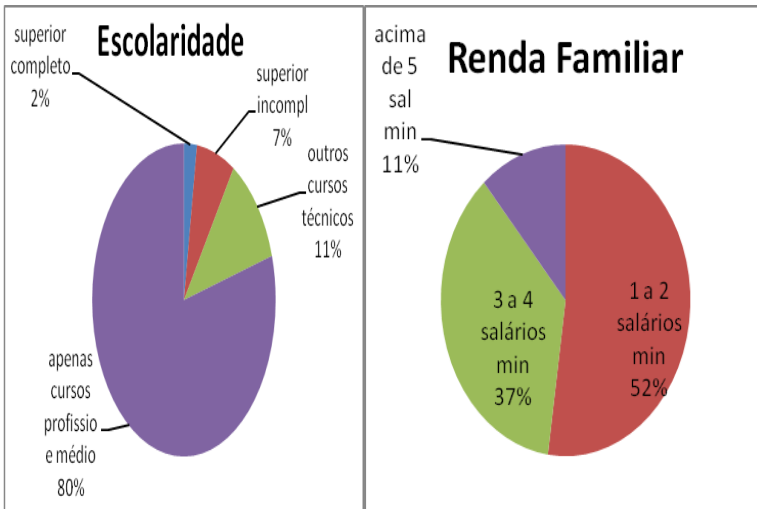
Outras empresas alegam que muitos jovens que contratam até possuem o conhecimento necessário, mas falta-lhes o fator comportamental. Essa reportagem da Zero Hora intitulava-se: “Admitidos pelo conhecimento, demitidos pelo comportamento”

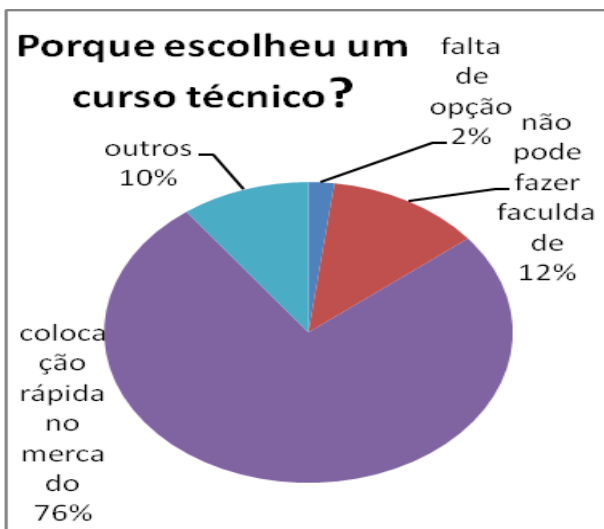
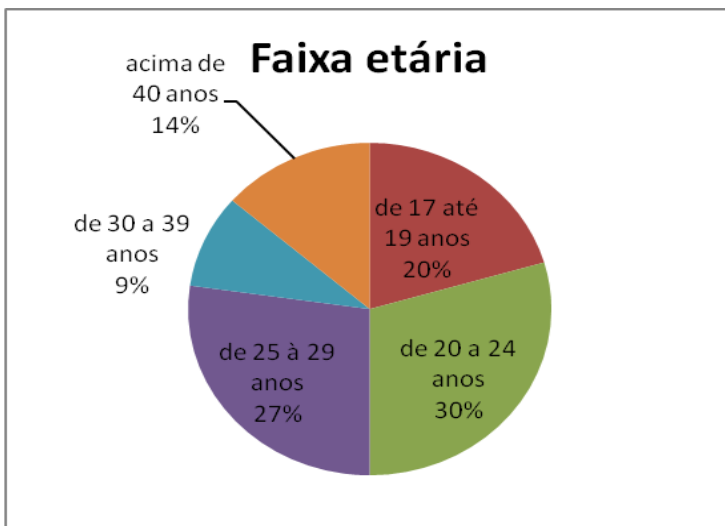
Conforme o professor Fernando Dolabela da Fundação Dom Cabral, fervoroso defensor da Educação Empreendedora:

“ O motor da geração de idéias, não está confinado a quatro paredes e sim na rua. Mas é inegável que a escola tem o poder de produzir e gerar riquezas em maior escala”.

Diante da satisfação dos alunos presenciada e da possibilidade de oferecer a eles duas oportunidades ao se formarem, pois a Proposta do Portfólio incentiva e procura desenvolver o lado empreendedor do aluno e com isso abre a possibilidade dele empreenderem na empresa de outro ou ser empreendedor do seu próprio negócio resolvi fazer uma pesquisa para traçar o perfil do aluno.

Pesquisa realizada em um universo de 44 alunos do primeiro módulo do curso Técnico em Administração no segundo semestre de 2011





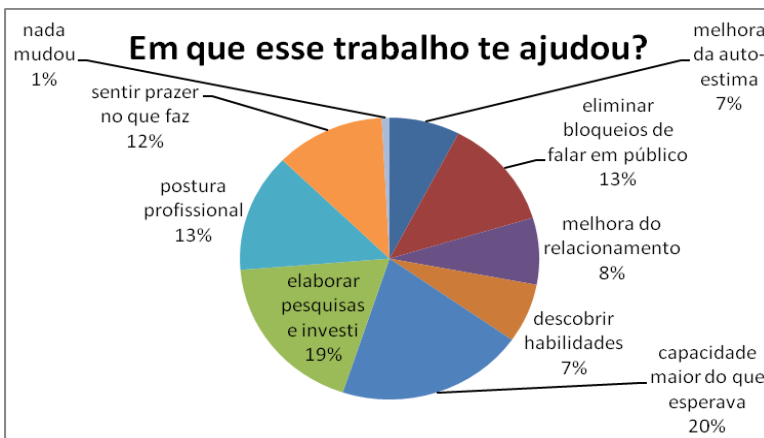
MODELOS DE TRABALHOS DESENVOLVIDOS PELOS ALUNOS NA MOSTRA TÉCNICA DO CURSO

- ⦿ Criação da Marmitaria Bom Gosto, onde os alunos, além de simularem a montagem da empresa, ainda fizeram o seu lançamento e introduziram a disciplina de Ética no contexto criando o programa PET(Padrões Éticos de Trabalho)
- ⦿ Criação da empresa Fashion Moda Íntima onde além dessa simulação criaram o projeto “Vendedor Legal” como tema de responsabilidade social.
- ⦿ Criação da empresa Space Kids Festas Infantis, onde acrescentaram a diferenciação da linguagem na divulgação da empresa, introduzindo a disciplina de português dentro do contexto da simulação.
- ⦿ A criação da empresa Fast Pão tele-entrega de pães, onde os alunos também criaram um site para interagir com os clientes introduzindo a disciplina de informática no contexto da simulação da criação da empresa.
- ⦿ A criação da empresa PQM (“pra que marido?”) - marido de aluguel para serviços residenciais - que além da originalidade do nome ainda introduziram também a responsabilidade social.
- ⦿ A criação da empresa Academia Pró Saúde que inovou na criação do seu banco de dados digital para os clientes.

- A criação da Daush Rent a Car locadora de automóveis que inovou na criação de sistemas internos de bom uso da água e da luz como responsabilidade ambiental.

A partir da apresentação desses trabalhos conversei com todos os professores do curso com a seguinte proposta: - Voltar todas as disciplinas do curso para o processo de criação e inovação. Todas as disciplinas do curso se voltarão para a interdisciplinaridade de forma a promover um maior entendimento sobre as necessidades de seus conhecimentos dentro da macro área do curso que é Administração num processo de desenvolvimento da Educação Empreendedora, de forma a dar uma nova identidade ao curso e criar amplas possibilidades para o aluno no mercado de trabalho.

Aproveitei a mesma pesquisa para levantar também o grau de satisfação dos alunos para com os trabalhos realizados e os resultados foram os seguintes:





Essa pesquisa reforçou a importância do professor ser apenas um facilitador na construção do conhecimento do aluno permitindo que ele assente os tijolos e se torne o arquiteto de sua obra.

Alterações da prática para o primeiro semestre de 2012

No primeiro semestre de 2012 além da criação da empresa os alunos também tiveram que elaborar uma pesquisa sobre os motivos que levam um grande percentual de empresas a fecharem suas portas antes de completarem o 5º ano. Teriam que utilizar o Diagrama de causa e efeito.

A partir dessa pesquisa teriam que pensar em metodologias a serem utilizadas para que a empresa que acabaram de montar não fizessem também parte dessa estatística.

A intenção dessa proposta é a de fechar os 360 graus, ou seja, fazer com que o aluno tenha uma visão geral, ampla e realista de tudo o que cerca um empreendimento desde a sua montagem, manutenção e das consequências de uma má administração.

Todos esses trabalhos me fizeram refletir sobre o papel do educador, ou seja:

Ser um agente de mudança, sempre buscando o melhor, o novo, visando com que tanto o curso quanto o aluno tenham um diferencial competitivo e correspondam às necessidades do mundo do trabalho e aos anseios dos que dele fizerem uso para uma melhor qualidade de vida.

Atividades de aprendizagem do módulo II

No segundo módulo o aluno conhecerá as principais atividades do Setor de Compras, as várias modalidades de compras e suas tendências, bem como, as principais atividades da Administração de Materiais no que tange ao Controle dos Estoques e suas principais tendências. Conhecerá o Diagrama de Pareto ou Curva ABC e a sua importância no Controle dos Estoques dentro de uma empresa. Para uma melhor compreensão sobre o assunto será feita uma analogia com a vida do aluno no que se refere a compra dos materiais para consumo próprio e manutenção de sua casa.

Posteriormente conhecerão a Logística e a Logística Reversa dentro da concepção de Sustentabilidade.

Farão apresentação de Cases sobre Logística Reversa.

Desafio 1: A partir desses conhecimentos simularão a criação de uma empresa na área de produção. Sugestões: fábrica de chocolates; confecções de roupas; empresa de construção civil; de produtos artesanais; de bijuterias; de perfumaria; de pães (confeitaria); de doces e salgados; de massas; de biscoitos, etc.

Constituída a nova empresa de produção, o grupo deverá simular todo o controle dos materiais para uso próprio e para produção. Deverão estabelecer os melhores critérios para compras e administração dos estoques.

Vencido o desafio, os alunos conhecerão a Administração da Produção e suas principais ferramentas que são: Kaizen; Just-in-time; kanban; Masp; 6 Sigmas; Reengenharia; Qualidade Total e Normas ISO.

O grupo também fará um Estudo de Caso sobre Administração da Produção onde tomarão conhecimento das metodologias utilizadas em um processo produtivo tais como: MTS, MTO, ETO, Etc.

A partir desses conhecimentos farão **VISITA TÉCNICA** a uma empresa do município para conhecer a Linha de Produção ou Linha de Montagem. Conhecerão as práticas da Qualidade Total empregadas pela empresa, questionarão a empresa sobre as referidas práticas a fim de confrontá-las com a teoria da sala de aula e emitirão um

relatório com opiniões/sugestões sobre possíveis alternativas para uma melhor performance empresarial.

Desafio 2: O grupo terá que escolher dentre essas ferramentas da produção e da qualidade a que melhor convier para a produção na sua empresa e terá que sustentar com argumentos a sua escolha demonstrando seus benefícios para a produção. Apresentação da argumentação sob forma de trabalho escrito e expositivo.

A simulação da empresa de produção e suas práticas, o relatório da Visita Técnica, com as devidas sugestões e a escolha através de argumentação da melhor prática de produção fará parte do Portfólio do Aluno e do seu currículo.

Essa prática foi desenvolvida nesse formato até o final de 2011.

Alterações da prática para o primeiro semestre de 2012

Estamos na reta final do curso de formação pedagógica na Uergs. Esse é o momento de realizar o meu Estágio Supervisionado II dessa vez orientado pela professora Liliane a quem tive o prazer de conhecer quase no final do curso. Chamou-me a atenção a sua generosidade e seus conhecimentos que devido a sua postura singela, mais pareciam sabedorias. Meu Trabalho de Conclusão de Curso também foi orientado por ela e foi escrito a quatro mãos. O TCCd teria que ser escrito na forma de artigo e eu

nunca escrevi um artigo, mas acabei adorando essa experiência e a forma como a professora conduziu o fechamento do mesmo.

Na Prática Supervisionada de Estágio I, os alunos do curso Técnico em Administração do módulo I simularam a abertura de uma empresa.

Hoje, esses mesmos alunos estão no módulo II e o conteúdo programático de administração agora é sobre Administração de Materiais e Administração da Produção.

Devido o trabalho de criação e lançamento de uma empresa dentro da proposta do Portfólio dos grupos do módulo 1 ter dado tão certo, pela qualidade dos mesmos e pelo alto grau de satisfação por parte dos alunos pelas suas criações e apresentações, preocupei-me em manter essa motivação e senti necessidade de propor uma nova metodologia para apropriação dos alunos dos conhecimentos referentes aos novos conteúdos de Administração.

A Prática de Estágio Supervisionado II foi realizada dentro desse novo enfoque.

Este trabalho tem como objetivo aproximar a teoria dada no curso Técnico em Administração das práticas do mundo do trabalho e para isso foram utilizadas as seguintes metodologias:

1º momento – Conteúdo de Administração de Materiais.

Conhecimentos: Compras, fornecedores e controle dos estoques.

Metodologia: trazer a realidade para dentro da sala de aula

Os alunos formaram equipes de cinco componentes, cada equipe elegeu a empresa em que trabalha um de seus membros, sendo que algumas equipes fizeram apresentação em Power Point e outras além de comentarem sobre os procedimentos referentes a compras, armazenagem e cadastro de fornecedores, ainda trouxeram matérias e produtos para serem visualizados pelos colegas de forma a tornar a apresentação bem próxima da realidade praticada na empresa.

2º momento – Conteúdo de Administração da Produção.

Conhecimentos: PPCP (planejamento programação e controle da produção), Kaizen, Just-in-time, kanban, 5 S, Masp, Six Sigmas, Qualidade Total, Reengenharia e Normas Iso.

Metodologias:

- Visita Técnica na empresa Dana multinacional do ramo de peças automotivas, com filial em Gravataí. A empresa é um fornecedor líder de tecnologias para eixos diferenciais, cardans, suspensão, vedação e gerenciamento térmico, e de componentes de reposição originais. Os alunos tiveram a oportunidade de observar, a partir da visita

na Dana, como as empresas aplicam na prática preceitos teóricos estudados na disciplina de Administração de Produção.

Atualmente, a formação profissional depende não só das abordagens teóricas em torno das áreas da administração, mas também das vivências relacionadas à prática desenvolvida pelas empresas.

- Simulação de uma linha de produção ou montagem dentro da sala de aula, onde cada equipe ficou responsável por apresentar uma das ferramentas da Qualidade Total citadas acima para os demais colegas. Além da apresentação cada grupo também elaborou uma dinâmica com a turma.

No terceiro módulo o aluno conhecerá as práticas mercadológicas e seus conceitos, estudará e apresentará Cases de Empresas de Sucesso. Essa apresentação será analisada pela turma onde serão avaliados os Temas e as Estratégias de Marketing mais interessantes, bem como o desempenho do grupo que a apresentou.

Ainda será feito um **Workshop sobre estratégias de Marketing de empresas que obtiveram sucesso baseado nos cases apresentados.**

Num segundo momento cada grupo terá que encontrar um **Nicho de Mercado**, que nada mais é do que a descoberta da necessidade de um negócio que ainda não exista no seu bairro ou na sua cidade. A partir daí, irão

montar um **Plano de Negócio** juntamente com um **Plano de Marketing**, para esse novo negócio, ou seja, nesse módulo será trabalhado **o lado Empreendedor do aluno**, sua capacidade de observação, inovação, criatividade e pró-atividade. Características fundamentais solicitadas pelo mercado de trabalho.

O Workshop, a descoberta de uma necessidade, a montagem de um Plano de Negócio e do Plano de Marketing também farão parte do seu Portfólio que por sua vez fará parte de seu currículo.

Para complementar a idéia do Portfólio, temos semestralmente a apresentação dos trabalhos de conclusão de curso do terceiro módulo e a proposta do Portfólio é a de que sejam convidados dois empresários locais para participarem da banca, onde os alunos exibirão seus trabalhos. Ou seja, é a oportunidade que o aluno tem de mostrar a qualidade de seus trabalhos e o seu comprometimento, onde ele poderá enfatizar os benefícios que ele tem a oferecer para esse mercado.

E o mais importante, os alunos desde o primeiro módulo, se concentrarão mais em suas atividades, procurarão desenvolver melhores trabalhos e se comprometerão com a sua qualificação profissional e isso tem a ver com a sua postura e com a ética profissional. Portanto ele terá que mudar essa postura, uma vez que hoje ela está deixando a desejar e são justamente a postura e o comportamento os maiores problemas que as empresas estão enfrentando na contratação de seus colaboradores.

Uma vez que não dispomos do estágio obrigatório, essa seria a forma de profissionalizarmos nossos alunos, pois eles saberão que ao final do curso terão a oportunidade de apresentar seus trabalhos para o mercado de trabalho.

A proposta do Portfólio é a de comprometer o aluno com seus estudos, com o curso e com sua performance enquanto estudante fazendo com que ele tenha consciência de todo contexto onde está inserido e o quanto suas “ATITUDES” poderão contribuir para esse contexto, bem como para sua vida pessoal e profissional.

Sugestão:

No primeiro dia de aula o aluno recebe da escola uma pasta catálogo com o logo da escola e de empresas parceiras, com a denominação PORTFÓLIO DE ATIVIDADES.

Essa pasta catálogo ficará de posse do aluno para que ele organize seus trabalhos. Antes de colocarem na pasta, entregam aos devidos professores para avaliação e correção. Depois de corrigidos, os alunos fariam as devidas alterações, e colocariam na pasta. Todos os trabalhos constantes no Portfólio terão que ser carimbados pela coordenação do curso e direção da escola.

Ao final do curso, o aluno carrega consigo a pasta que servirá tanto para que ele possa visualizar o todo que aprendeu, tendo um histórico desde o primeiro

semestre, quanto para o mercado avaliar os seus conhecimentos.

Podemos falar ainda, no valor que ela representa tanto para a escola, como para o curso, seu quadro docente e direção. Todos os professores e a direção poderão acompanhar a qualquer tempo o desenvolvimento de cada aluno e obter o feedback de suas aulas. Além de que o próprio trabalho que os professores estão realizando e que a escola está estimulando, também estarão em evidência.

Mas, porque desenvolver um Portfólio de atividades dos alunos?

Eu repondo com outra pergunta: Porque não expor trabalhos tão bem estruturados para que outras pessoas possam vê-los e apreciá-los?

Em primeiro lugar e por ser o mais importante, notou-se a empolgação e a frustração dos alunos ao elaborarem e não apresentarem de forma expositiva a tarefa onde eles eram os sócios proprietários de uma empresa de construção civil e teriam que desenvolver sete passos de planejamento, valendo-se da iniciativa, inovação e criatividade do grupo, de forma bem estruturada. Tarefa que denominei de “O grande desafio”.

Os alunos queriam expor seus trabalhos para toda a turma porque estavam se sentindo orgulhosos pela forma como executaram a tarefa, mas como estava definido que o

trabalho não seria exposto e sim apenas entregue a parte escrita, senti que a maioria ficou decepcionada. Assim nasceu a idéia do Portfólio.

Em segundo lugar, porque através da elaboração da proposta do Portfólio pude estruturar e visualizar melhor os conteúdos programáticos de cada disciplina que ministro. O que facilitou bastante o meu dia a dia como professora porque ali estavam os passos a serem seguidos.

O Portfólio pode funcionar como um Fluxograma, onde qualquer professor da área pode se deixar guiar pelos passos que ali estão..

Considerações finais

Ser professor é uma tarefa bastante complexa. Trata-se de um relacionamento interpessoal que deve ser desprendido de qualquer pré-julgamento ou preconceito. O professor tem em seu poder a tarefa de ser um referencial, um conciliador, um mediador, um apaziguador, um transmissor, um motivador, um instigador, um desafiador, um direcionador, um transformador e reconhecedor de potencialidades.

Cada um de nós, possui habilidades e características únicas que estão latentes e muitas vezes completamente ignoradas. Muitos passam a vida descontentes por total desconhecimento de como podem ser úteis para a sociedade e para consigo mesmo. Desconhecem a que vieram e tampouco o motivo da sua existência. Aqui entra a figura do professor.

Seguindo essa linha de pensamento, procurei buscar alternativas para fazer com que a sala de aula se tornasse um ambiente dinâmico e de desenvolvimento de habilidades. Talvez isso pareça um tanto quanto pretensioso, talvez pareça mais uma ideologia, mas a sensação de ter proporcionado e de ter compartilhado com alguém a minha experiência de vida não tem preço e é essa pretensão e essa ideologia que me faz prosseguir.

A recompensa é acompanhar a transformação de cada um desses alunos. O sorriso e o agradecimento de cada um ao final do curso e o seu próprio reconhecimento de que mudaram muito, aprenderam muito e de como essa experiência valeu a pena.

Eles nunca mais serão os mesmos, nem tampouco nós professores.



Aparecida Cristina Gobbi Soares

Professora Curso Técnico em Administração

Módulo I: Administração Geral

Módulo II: Administração e Controle

Módulo III: Administração de Vendas